



# “Se eu não perco, ninguém ganha”

CAMILLO CHRISTOFARO ESCONDIA ATRÁS DA SIMPLICIDADE AGUÇADA INTELIGÊNCIA

**C**amillo Christofaro escondia sua aguçada inteligência. Mostrava-se um tipo irônico, agressivo e sobretudo muito engraçado, traços que o tornavam a figura mais querida e pitoresca do nosso automobilismo. Ídolo da zona leste de São Paulo, era conhecido como o “Lobo do Canindé”, ostentando a figura do Lobo Mau nos carrões de alta cilindrada, de preferência com motor Corvette.

Eu me lembro de que certa vez, durante o briefing que precedia a largada noturna da Mil Milhas, em 1961, Camillo olhou firme para nós, seus principais adversários, e disse: “Hoje vou barbarizar. Se eu não perco, ninguém ganha”. Era incrível, mas dele tudo se tolerava, nós o respeitávamos e o admirávamos.

Além de fantástico piloto, ele mesmo construía suas imbatíveis carreteiras, as melhores do Brasil. Seu principal palco eram as Mil Milhas Brasileiras. A cada ano ele chegava mais forte com novo carro e disparava na frente. Terminada a prova, certamente o bólido teria algum adversário como comprador.

Na véspera de uma das Mil Milhas, fui ao Centauro Motor Clube, que organizava a prova, assinar minha inscrição. A sede estava lotada, havia gente de todo o Brasil. A gauchada predominava. Em dado momento, todos notaram a chegada do Camillo. Caminho em direção à turma do Catharino Andreatta, que havia comprado seu carro anterior, e em alto e bom som dirigiu-se aos gaúchos, embora todos o ouvissem: “Não entusiasmem demais o Catharino, para ele não se machucar. Estou com pena de vocês, pois quando virem a barbaridade que anda o meu carro deste ano, vão pensar que eu enganei o Catharino.” E assim foi.

Camillo era voluntarioso e insubordinado. Talvez por isso tenha optado por nunca correr pelas equipes de fábrica. Não sei por que ele aceitou pilotar um Alfa JK, numa das Mil Milhas, pela equipe oficial, que era a grande favorita. O carro mais rápido foi cedido para a dupla Christian Heins/Chico Landi, e o Camil-

lo obviamente não foi bem. Não deu outra! Ele convocou os jornalistas e os responsáveis pela equipe: “Para guiar esse carro vocês têm de contratar um mágico, e eu sou um corredor, não um palhaço. Vou levar o carro para casa e amanhã vamos ver como fica”. Mais uma vez de forma incrível e pitoresca, ele conseguiu o que queria. Voltou no dia seguinte e foi o mais rápido.

**NO INÍCIO DOS ANOS 60** o automobilismo era promovido e patrocinado pela indústria automobilística e os pilotos de fábrica eram a elite do automobilismo brasileiro. O Camillo não se conformava com isso, pois considerava mais importante os “mecânica nacional” com chassi de Fórmula 1 da época, geralmente equipados com motor Corvette. Na época estavam no auge as Berlinetas e eu, ao volante delas, era muito prestigiado. O Camillo não ia muito com a minha cara, talvez por eu ser cunhado do fantástico Ciro Cayres, seu principal rival nas Maserati-Corvette. Uma vez ele foi ao programa do Antônio Carlos Scavone na TV Paulista, antecessora da TV Globo.

“Sabe esse moleque de óculos que vocês promovem tanto, esse que pilota esses carrinhos de matéria plástica?”, perguntou.

“O Bird Clemente?”

“Esse mesmo! Eu vim fazer um desafio: levo minha Maserati para Interlagos e ele anda quanto quiser. Se ele fizer o meu tempo eu paro de correr e vou ser motorista particular dele pelo resto da minha vida.”

Eu fiquei quietinho no meu lugar...

Ao longo do tempo nos tornamos muito próximos e diletos amigos. O Emerson era fã do Camillo e nós, preocupados com seu estado de saúde, planejávamos um jantar com ele, mas quando procurei o Camilinho para marcar, ele muito amargurado me informou que não dava mais tempo. Em agosto de 1995 o automobilismo chorou sua morte. Suas histórias, suficientes para escrever um livro, jamais serão esquecidas. **QR**